

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A crítica

Class.: Juma 10

Data: 02.02.93

Pg.: _____

TAQUI PRA TI

JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE

Karé, o último dos Juma

"No domingo, o vigário disse missa, e as índias cantaram o Tantum Ergo com harmonia não vulgar."

Alexandre Rodrigues Ferreira, enviado ao Brasil pela Coroa Portuguesa para fazer pesquisas de campo, percorreu vastas áreas da Amazônia de 1785 a 1792. Quando passou pela vila de Ega, hoje Tefé, anotou em seu diário de viagem, a participação de índias de várias nações no ritual católico. Entre essas índias, estavam algumas da tribo dos Juma.

Os Juma denominados Yuma ou Arara, também falam uma língua da família Tupi-Guarani. Habitavam um território no rio Purus, que segundo Euclides da Cunha, era "talvez a maior estrada por onde passavam e repassavam, há muitos séculos, as tribos mais remotas dos extremos do continente".

No século XVIII, os Juma somavam 12 a 15 mil índios. Muitos deles foram aprisionados pelas tropas portuguesas e levados para "currais", localizados em Coari, Tefé e no rio Negro, de onde eram repartidos como escravos para os colonos, para os missionários e para o serviço da própria Coroa Portuguesa. Outros resistiram.

Duzentos anos depois, as índias já não cantam mais o Tantum Ergo. Hoje desesperadas, as duas únicas velhas sobreviventes da tribo Juma, que respondem pelos nomes de "Baru" e "Inté", cumprem todas as noites um ritual de lamentos em que combinam choro e canto dramático.

Em matéria publicada neste jornal, no domingo passado, e reproduzida pelo Jornal do Brasil, o repórter Orlando Farias conta que o ataque de uma onça pintada, numa noite de lua cheia, em janeiro do ano passado, decretou a extinção dos Juma, ao matar o índio Karé, de 35 anos, o único ho-



mem em condição de reproduzir. Os Juma ficaram reduzidos a três meninas de oito, dez e doze anos e dois casais de velhos.

Quem exterminou os Juma, no entanto, não foi a onça pintada. Foi um animal muito mais burro e perigoso.

O colonizador português iniciou o processo no século XVIII e os brasileiros continuaram nos dois séculos seguintes. As falas e mensagens dos presidentes da Província do Amazonas e os relatórios da Diretoria Geral dos Índios do Amazonas registraram os seguidos massacres contra os índios do Purus, entre os quais os Juma, que resistiram bravamente durante dois séculos.

Nos anos 1960, algumas dezenas de índios Juma sobreviviam no igarapé da onça próximo a Tapauá.

- Eu morei perto da maloca daqueles índios desde 1907 e

eles nunca mexeram comigo nem com o meu pessoal. Sempre foram mansos e pacíficos. Depois de muitos anos, eu conheci os índios, que eu sempre tive vontade de conhecer e aí nós ficamos amigos; quando eu ia visitá-los, eles me tratavam muito bem e várias vezes foram me deixar lá na minha barraca, diz o sr. Luis Chagas, na época vivendo em Tapauá.

No início de 1964, o comerciante Orlando França, com dinheiro arrecadado com outros comerciantes, organizou uma expedição com a finalidade de extrair sorva e castanha. Armados, ele, Antônio Craveiro, Antônio Branco, "Soldado", Chico Lúcio, Raimundo Guimarães, Noel, Bernardo, Valdemir e alguns outros invadiram o território dos Juma.

Quando eles chegaram na maloca dos índios não tinha ninguém lá. Então eles tiraram sorva à vontade e quando foi lá pelas quatro horas os in-

dídeos voltaram e foi quando eles começaram a matar os índios. O Chico Lúcio, um dos que matou, falou que eles mataram pra mais de 60 índios", segundo depoimento prestado por Luis Chagas em junho de 1979 em Manaus à jornalista Conceição Derzi e publicado no jornal "Porantim".

Os poucos sobreviventes, entre os quais Karé, com seis anos de idade, e as índias "Baru" e "Inté" se refugiaram no igarapé Joari, afluente do Içá. Em 1979, alertada pela denúncia do "Porantim", Polícia Federal abriu inquérito de número 056 para apurar e identificar os responsáveis pela chacina, que adquiriu contornos de genocídio. A jornalista Conceição Derzi ficou no pé da Polícia Federal, mas o inquérito acabou dando em nada.

Considerados pela antropóloga francesa Helne Clastres como "os teólogos da América do Sul", pelo seu alto grau de religiosidade, os índios tupi viviam em constantes migrações em busca da Terra Sem Males. Os seus cantos e as melodias entrecortadas de frases não cantadas anunciavam a nova terra. A dança, tornando o corpo mais leve, facilitava o acesso à terra da promessa.

As provações terríveis e morais e as longas peregrinações representavam o tempo necessário para uma lenta mutação do espírito e do corpo, o que os tornava dignos e merecedores da Terra Sem Males.

Segundo a matéria de Orlando Farias, para se reencontrar com seus parentes assassinados, os Juma passaram a criar passáros de todos os tipos que acreditam terem incorporados os espíritos de seus entes queridos. Karé, hoje, pode ser um gavião rei, voando para a Terra Sem Males, enquanto nós ficamos mais pobres. E impotentes.

Pensamentos de um peregrino Teologia moral

Pe. Luís Kirchner, CSSR

Esta semana (2-5 de fevereiro) vários padres de nossa região estamos estudando a teologia moral. É uma exigência dos tempos atuais, quando o ser humano esqueceu da prática da ética na vida pública e social. O anormal se tornou o normal, o errado é correto, e o mal é visto com bons olhos.

Já houve séculos em que o estudo e reflexão de doutrina (i.e. dogmas) interessavam mais. Hoje poucos se preocupam com tais assuntos. O homem moderno quer saber se ele pode ou não fazer tal ato. Que é o bom? Que devo fazer? As vezes é uma preocupação mais legal do que moral, se ele corre o risco de ir para a prisão.

Por si mesmo Teologia Moral é muito rica e bonita. À luz de fé, o cristão procura os elementos para agir eticamente, conforme o plano de Deus. Final de contas, o ser humano não é um animal qualquer que sobrevive na base da força e da violência, mas busca a verdade e uma conduta correta. Ele quer saber se seus costumes, hábitos e ritmo de vida estão de acordo com seu Criador, pois como filho de Deus, quer estar em sintonia com o Pai.

O que torna o ser humano diferente das outras criaturas é que ele é responsável por seus atos. Não está condenado a agir instintivamente como bicho. Nisto está a glória — e a complicação da condição humana. Nós seres humanos temos compromissos para cumprir, metas para atingir, vocações para realizar. Não podemos viver de qualquer jeito, na base apenas do prazer ou da conveniência; como se fôssemos vacas contentes.

Com a publicação do chamado Novo Catecismo, era notável o interesse mundial gerado a respeito dos "novos" pecados. Talvez a maioria não concordasse (não tem sido sempre assim?) mas os comentários e debates mostraram que o conteúdo da teologia moral nunca está muito longe de nossas conversas e consciência.

Enquanto há uma atração sexual entre os dois sexos, ou questões ligadas com o uso do dinheiro no campo econômico e do poder na arena política, pessoas perguntarão se tal decisão é válida ou certa. Nenhuma sociedade ou grupo de pessoas conseguem conviver em harmonia sem a aplicação racional de leis que governam e dominam os instintos e paixões. A teologia moral quer ser a luz que explica o porque, a razão de tudo isso e motiva as pessoas para viver "como gente".

Quando examinamos nossas consciências ou nos preparamos para o Sacramento da Confissão, quando pensamos sobre a atuação ou valor de nossa vida, dificilmente analisaremos se nossas crenças estavam teologicamente certas. Mas pensaremos sobre a qualidade de nossos atos, se foram feitos com amor e doação — ou egoísmo e manipulação. Pensaremos se ajudamos nosso próximo ou fomos obstáculo à sua promoção e crescimento. A Teologia Moral não nos deixa ser satisfeitos porque uma lei qualquer diz que tal coisa pode ser realizada. Ela nos ensina se tal ato ou conduta está certo.

Não seria tão longe da verdade rezar ao Espírito Santo, pedindo a Luz dele a fim de discernir o que é que devo estar fazendo.